

Angélica Vier Munhoz
Cristiano Bedin da Costa
Sergio Andrés Lulkin
(Organizadores)

PORQUE ESPERAMOS

[notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus]

1º Edição

Porto Alegre
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Zona de Investigações Poéticas

2020

#I

- edições autonomaz - -

Organização: Cristiano Bedin da Costa, Angélica Vier Munhoz e Sergio Andrés Lulkin

Montagem: Cristiano Bedin da Costa

Todas as notas foram escritas entre os meses de abril, maio e junho de 2020, durante período de isolamento social relativo ao novo coronavírus. A responsabilidade pela revisão e pelo conteúdo dos textos é dos autores e das autoras. A ordem de apresentação corresponde à de envio.

Zona de Investigações Poéticas

autonomaz@ufrgs.br

www.facebook.com/autonomaz

www.instagram.com/autonomaz



Este texto é disponibilizado nos termos da licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional (CC BY 4.0)

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

P837

Porque esperamos [notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus] / Angélica Vier Munhoz, Cristiano Bedin da Costa, Sergio Andrés Lulkin (organizadores) - 1.ed. - Porto Alegre: UFRGS, 2020.
100 p.

ISBN 978-65-86232-26-4

1. Formação de professores I. Munhoz, Angélica Vier II. Costa, Cristiano Bedin da III. Lulkin, Sergio Andrés IV. Título.

CDU: 371.13

Bibliotecária: Ana Gabriela Clipes Ferreira CRB-10/1808

TORNAR SONORAS LINHAS E DISTÂNCIAS

Silvio Ferraz

Professor Titular do Departamento de Música da Universidade de São Paulo - USP
silvioferraz@usp.com

fazer música é tornar sonoras forças não sonoras.
tornar sonoras forças como o encontro entre pessoas.
tornar sonoros os tempos diversos.
os tempos de cada um. tornar sonoro o encontro dos tempos de cada um. tornar sonoras as linhas das montanhas.
tornar sonoras as linhas da névoa. um lugar qualquer.
tomar cuidado de cada som.
tomar cuidado de cada corpo.
tomar cuidado de todos.
pensar nos ciclos da respiração.
pensar nos ciclos das ressonâncias.
tornar sonoras as pequenas partículas de pensamento. de sensação.
de sonhos. tocar um instrumento é tornar sonoro um pedaço de madeira.
um pedaço de metal.
um feixe de crina.
a voz parece já tornar sonora a respiração.
a voz torna sonora o batimento cardíaco.
a voz torna sonoras as linhas.
werner herzog nos fez ouvir um madrigal de gesualdo nas linhas de montanhas e entre oliveiras.
nos fez ouvir as texturas do ouro do reno de wagner nas linhas verticais de uma queda d'água.

este texto acompanha a gravação de distâncias e linhas, realização coletiva do Grupo Música Atual, o GruMa.

cada um em sua casa. cada um tentando encontrar uma linha sonora para conectar com outras linhas sonoras.

linhas nasceu depois de outras experimentações. diversas. já são 4 anos de experimentações, do grupo se modificando, mas com participantes que retornam.

linhas nasceu depois de móbile. e tem muito de móbile. em móbile a ideia era suplantar o problema do delay na prática de música por streaming de dados, a partir das propostas de pensamento temporal presente na experiência textural da escuta musical proposta a partir dos anos 1950.

sem o tempo a música pode ser pensada como espaço. os sons podem ser peças de um móbile. e podem girar, ir e voltar, a cada vez em um lugar diferente em torno de algum eixo. tornar sonoro este jogo de ir voltar, cada vez em um lugar diferente em torno de algum eixo. esta foi a proposta.

primeiro tentamos tocar usando um destes dispositivos de streaming de dados.

vivemos assim todos ruídos possíveis, sem evitar ruídos.

os ruídos estão aí. e então descobrimos fazer música em meio a parentes e vizinhos que falam, carros que passam e seus sons entram janela adentro, casas pequenas, gritaria de maritacas e bem-te-vis, máquinas de lavar-roupa, aspiradores de pó.

os ruídos estão aí e ao invés de serem eliminados, devem entrar na música que está sendo feita, participar.

os espaços silenciosos não são da ordem do cotidiano.

experimentamos via streaming e depois refizemos os caminhos, cada um em seu canto, como se fosse uma parte do móbile.

assim linhas que estavam disjuntas caíram umas sobre as outras, se conectaram livres como um dia nos propôs luiz orlandi em seu curso procedimentos expressivos: "os encontros sonoros se distribuem por infinitos mundos de uma infinita sonesfera. Os sons, lá nos mundos deles, reencontram-se casualmente a cada vez".



distâncias e linhas segue pelo mesmo caminho, mas agora ao invés de pequenas peças do móbile, pequenos objetos, foram linhas ou linha (no singular) contínuas.

uma grande linha, a escala.

esta que talvez seja a habilidade "espécie-específica" mais própria do homem e que o leva à música: criar escalas, colocar ordenar objetos para depois empregá-los de modos livres ou lineares. enfileirar pedras, enfileirar pequenos ossos.

a regra de composição de "linhas e distâncias" é simples:
tocar uma curta escala ascendente, repetir esta escala variando de distância entre as notas.
tocar esses sons e alongar-se neles, ouvindo cada um deles, ouvindo o som do instrumento em suas entranhas, como em um mantra.
deixar nascer outras escalas e deixar muita distância entre cada nota a ponto de que esqueçamos que se trata de uma escala.
ao fim e ao cabo, ir aproximando as notas da escala, tocá-la cada mais ritmada e repetir sua última nota um tanto de vezes que lhe pareça adequado.
ensaiamos por streaming com nossos tempos diferidos pelos delays, e novamente pedi que cada um, em um dia qualquer, tocasse e gravasse sua linha individual.
cada um com sua linha, umas de 10 minutos, outras de 3 minutos, outras de 8 minutos.
uns enviaram vídeo outros apenas áudio, outros enviaram mais de uma versão. nada foi descartado, tudo utilizado.
a quem montou tudo junto a tarefa foi de reunir as linhas sem pensar na conexão entre elas, apenas jogá-las em uma linha de tempo e deixá-las junto.
o limite era não passar de 10 minutos.

foi então que anexeí as primeiras linhas deste texto que prolongo agora.
foi então que me lembrei de um vídeo que havia filmado em uma madrugada no morro da igreja em urubici-sc.
foi então que me lembrei do início de coração de cristal de herzog, ou de gesualdo: morte a cinco vozes.
das linhas das polifonias do renascimento, das linhas das montanhas, da escala de dó maior no ouro do reno de wagner empregado por herzog em nosferatu. da cachoeira de gotas quase paradas em coração de cristal. e ainda a trilha do popol vuh, banda alemã, de krautrock, fundada em 1969 e que atravessa diversos dos filmes de herzog. aqui a imagem era a de o grande êxtase do entalhador steiner, um esquí voando em um tempo muito lento.



são muitas imagens que passam pelo processo de criação.
somos povoados de imagem e elas nos vieram por conta própria, não pediram permissão para se fixar, apenas se fixaram.

e as imagens que carregamos, sem nossa permissão, se conectam também sem nossa permissão como as linhas e as peças de um móbil livre, como os sons de luiz orlandi.

as imagens se conectam e inventam outras imagens.

podemos um dia correr atrás delas e imaginar de onde vieram, até podemos fazer este mapa, mas ele é provisório e ao rabiscar sobre o papel outros pontos notáveis deste mapa se revelam, como em um reservatório sem fim.

me apoio aqui em simondon e bergson para pensar este mundo de imagens. eles também imagens, por sua vez.

as imagens vêm de diversos lugares como as imagens do olho que se tornam sons.

como as imagens táteis que se tornam olho ou o olho que admira a mão que desenha ou o ouvido que ouve o ruído do arco enquanto uma música qualquer de tradição é tocada.

as imagens nos invadem e não pedem licença. se alojam, se cruzam, se esfacelam, ganham entranhas, se desdobram, crescem, diminuem, tudo sem nos pedir permissão.

popol vuh, o grupo de rock alemão toma como nome o livro das origens dos maias-quichés da atual guatemala. Popol Vuh, "na verdade estava tudo quieto, na verdade ainda estava em silencioso. estava quieto. na verdade estava calmo".

tornar sonoro o calmo. tornar sonoro o silêncio. fazer ouvir o silêncio na presença do som. são algumas das magias que tentamos resolver.

e assim as imagens se cruzam. herzog, os sons, as escalas, os jovens estudantes em suas casa, a tecnologia digital de terceiro mundo, a banda popol vuh, o Popol Vuh dos Maias-Quichés, o silêncio, as linhas, as montanhas, a bruma, os móveis.

não se tratou de contornar os limites, mas de se valer de um repertório que permitia atividades antes escondidas, senão proibidas.

bastava abrir as portas fechadas das possibilidades de catálogo, encontrar o reservatório escondido e explorar os rumos.

precisava fugir dos padrões.

o repertório de imagens não é livre por si só.

nós somos imagens que vivem imagens, como propuseram bergson, depois simondon, e ainda mais uma vez deleuze.

imagens que nascem simplesmente da conformidade de nossos órgãos, do formato da mão, do pé, da perna, do mecanismo de conexão entre estas peças, do sistema digestivo, dos dentes; imagens que servirão a acolher outras imagens, as imagens que estão para além das membranas, e que se misturarão às imagens que já estavam no corpo, e que deixarão marcas, pequenas lembranças quando as forças do exterior pararem de cessar.

e as imagens se misturam, formam outras, serem a resolver situações diversas de manter a continuidade ou de encontrar outra mais interessante.

mas, vez ou outra, as imagens param de se conectar e é como se a energia não passasse de um ponto a outro. como se as imagens do nosso reservatório e seus hábitos de conexão não dessem conta do campo problemático que se desenha. e o campo é complexo, ele trará imagens, mas ele pede tempo.

sempre que há um cérebro e um corpo há tempo, é preciso perder tempo.

e quando este tempo é subtraído, é como se não houvesse lugar para as novas conexões, para novas imagens, para pôr em movimento a usina de imaginação e o processo de invenção de fluxos.

um dia voltaremos todos às ruas.

sem mais o atual vírus, mas talvez um outro que permita sair.

tudo voltará ao velho normal, insuportável, consumo desenfreado, experimentações proibidas, tradições, o velho mundo.

e a esperança de que alguma coisa ficou das experimentações, algo ficou das tentativas de sair dos eixos e dar continuidades não improváveis.

ATENTE PARA O SOM QUE ISSO FAZ
ATENTE PARA O SOM QUE ISSO FAZ
ATENTE PARA O SOM

atente para o som que isso faz
isso
FAZ

O SOM
atente para
atente o som faz
para o som
O SOM Z z
Z z

OM Z
atente para
atente para
atente para
atente PARA

O SOM QUE ISSO FAZ
ATENTE som isso
ATENTE PARA ISSO
para isso
isso faz
atente isso

PARA SOM
ISSO FAZ
ATENTE PARA O SOM QUE ISSO FAZ
ATENTE
ATENTE
ATENTE
atente

para o som que isso faz
o som que
para
o som
atente

QUE FAZ
ISSO
ATENTE PARA O SOM QUE ISSO faz
atente para o som que isso faz
atente para o som que isso faz
atente
atente
atente para
o som que isso faz
faz

atente:

a resposta [ainda] é.



<https://www.instagram.com/obediencia.art/>

obediência.art - no Instagram é a possibilidade que encontramos nesse tempo de distanciamento de seguir nossos processos artísticos aceitando e buscando dialogar de maneira ativa com as novas regras de convívio social. Afastados fisicamente estamos mantendo nossa busca mergulhando no uso dos recursos disponíveis dos nossos celulares e computadores. Neste primeiro momento da nossa produção temos como inspiração textos do livro Porque esperamos - notas sobre a docência, a obsolescência e o vírus. Não nos distanciamos do desejo de pensar nosso tempo acolhendo uma certa descartabilidade a que parece estar submetida um tipo específico de produção audiovisual contemporânea.

obediência.art faz parte do projeto obediência que surge da nossa disposição de seguir criando num momento tão singular da história do nosso país. obediência é muito livremente inspirado na obra Discurso sobre a Servidão Voluntária de Étienne de La Boétie. Em seu discurso, escrito no século XVI, quando ele tinha apenas 17 anos, La Boétie se pergunta: por qual razão os tiranizados aceitam o tirano? Numa resposta surpreendente, ácida e extremamente atual, ele nos faz voltar o olhar para o tirano que existe dentro de cada um nós. Se voluntariamente nos deixamos tiranizar é porque em nós mora também a vontade de dominar o outro.

Criando a partir dos estímulos deste texto e das obras do filósofo contemporâneo Byung-Chul Han, obediência é um trabalho que não prescinde do humor. Pelo contrário, acreditamos que a ironia, o humor e o distanciamento crítico são ingredientes potentes para cativar nossos espectadores.

Partimos da confiança no teatro como território potente para pensar nosso tempo. Essa tem sido a nossa prática e nossa busca nos 9 espetáculos da LMPR - Tempo Companhia Teatral.

Helena Varvaki, Manoel Prazeres, Gabriela Munhoz e Rick Yates são um grupo de artistas que tem uma parceria na criação em várias outras obras. Confiamos que nossa experiência pregressa nos possibilita intimidade e ousadia no processo de criação.

Num tempo ímpar da nossa experiência,
a dor, assim como a criação, pedem urgência.